

E COMIAM...



O açougue em casa

Seu Chico Bucheiro levava o açougue em casa

E eu corria atrás do açougue

Se a gente ouvia a buzina, precisava ir

Criadas a leite de cabra

A importância das cabritas

O almoço de cada dia

Todo dia, as meninas levavam o almoço do pai

Boiadas, cavalos e apostas

O matadouro juntava peões e cavalos



O açougue em casa

Diógenes Ferreira

Sabia que Ourinhos já tinha um açougue que vendia carne de porta em porta?

Compadre do meu pai, seu Chico Bucheiro tinha uma carrocinha fechada, revestida internamente de folha de alumínio.

Nos dias em que abatiam gado, comprava todos os miúdos do boi: pés, orelhas, coração, rins, bucho, língua. Comprava também um pouco de carnes nobres.

Colocava tudo na carrocinha e vinha vender na cidade. Tinha uma buzina de pera de borracha pra chamar atenção e anunciar sua passagem. Havia encomendas. Meu pai era freguês assíduo.

Seu Chico tinha uma família numerosa. As filhas eram muito bonitas. Trabalhou direitinho com as carnes: logo já era um sitiante prestigiado. Era padrinho do meu irmão Glauco.





E eu corria atrás do açougue

Agenor Rossignoli

Quando moleque corri muito atrás dessa carrocinha que vendia carne.

A gente nem sempre ouvia a buzina e tinha que correr para comprar carne. O forte eram os miúdos.

Seu Chico tinha, de fato, muitos filhos. Filho homem, só me lembro de dois, o Dinei e o Mané. As moças, tinha cada uma mais bonita do que a outra. Me lembro bem da Lica e da Liquita. Nessa uma, Liquita, a boniteza chegou ali e parou.

Mas tinha mais cachorro que filho. Lembro de uma época que ele tinha mais de 15 cachorros. Alimentados com bofe, o pulmão do boi.

Entre a cachorrada tinha uma que se destacava, a Tiroleza. O Carlos Nicolosi, quando ia caçar de espingarda, sempre pedia essa cachorra emprestada.

Carlos Nicolosi era outra grande figura da cidade. Gostava de criar cachorros de raça. Era entendido. Entre outras coisas, treinava a fanfarra do ginásio.





Criadas a leite de cabra

Euclides Rossignoli

Não se pode falar da Vila Nova daquele tempo sem nos lembrarmos da grande quantidade de cabras que ocupava suas ruas. Um animal dócil, simpático e de enorme importância naquele lugar e naquela época.

Naquele pedaço da cidade, loteado pelos Christoni, viviam ferroviários, comerciantes, carpinteiros, carroceiros, alfaiates, sapateiros, marceneiros e outros. Trabalhadores para quem as cabritas eram muito importantes.

A cabrita é um animal rústico e invasor que come de tudo, até lata e caixa de papelão, dizem os mais exagerados. Na Vila Nova elas eram criadas para dar leite às crianças. Foram responsáveis pela nutrição infantil por muito tempo.

Tinham dono, mas eram quase uma propriedade comunitária. À noite, com seus filhos, os cabritinhos, tomavam conta das ruas, lugar que elegeram como dormitório.





O almoço de cada dia

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Era o almoço do pai, que a gente levava lá na Rede, todo dia.

- *Quem vai hoje?*

- Eu vou!

- *Maria Tereza vai junto, mas sem fazer hora!*

- *O cardeirãozinho já tá arrumadinho, a garrafa de café também, tá tudo no bornázinho! Vão com Deus, cuidado na rua pra atravessá a Duque!*

- Mãe pode levar o bambolê?

- *Pode, mas anda que tá tarde!*

- Bença mãe!

- *Deus abençoe!*

Lá vão as meninas, Vera e Maria Tereza, com seu bambolê, Barão do Rio Branco abaixo, Barão do Rio Branco acima, revezando o bambolê...

O pai, esperando ansioso a boia chegar.

A sirene da rede já tocou, corre, corre!





Boiadas, cavalos e apostas

José Carlos Marão

O Orestes, que tinha o açougue lá em cima na rua Paraná e tinha cara de bulldog, sempre andava na rua acompanhado de seus dois bulldogs. A turma dizia:

- Lá vem a trinca de bordogue.

Que eu me lembre, prá cima da linha, tinha dois açougues. O União, na frente do armazém dos Mori, e o Orestes, lá em cima, mais prá perto do Tone.

Talvez houvesse outros açougues, não lembro. Prá baixo da linha ou na Vila Nova devia haver mais uns tantos. A Vila Odilon tinha, mas lá era outra cidade.

A carne vinha do matadouro, que ficava quase fora da cidade. De madrugada, o gado era abatido. Ourinhos, claro, já tinha frigoríficos. Não muitos, mas tinha. Só que não precisava.

A carga, ainda sangrando, era levada em um carroção grande, de quatro rodas. A carne chegava fresquinha em qualquer açougue, a tempo de atender as velhinhas madrugadeiras.

Era lá no matadouro que chegavam as boiadas. Às vezes, até passavam pela cidade.





E também era lá por perto do matadouro que se juntava a peonada. Tinha pasto pro cavalo, tinha botecos, tinha a zona logo ali. Também tinha muito terreno aberto, onde sempre dava prá disputar umas carreiras e apostar uns dinheirinhos.

E a coisa se profissionalizou. Tinha corrida mesmo, valendo dinheiro. A ponto de despertar o interesse de pessoas gradas da cidade, sempre atentas a um bom e honesto negócio.

Até o Chicão, um gordão de seus um metro e oitenta, que tinha posto de gasolina na Duque de Caxias e tinha um cavalinho muito valente chamado Guarani, também ficou interessado.

Levou o Guarani e ganhava todas.

Enquanto, nos mesmos anos 40, em Cidade Jardim, o Gualicho enchia de alegria os Almeida Prado, em Ourinhos, o Guarani enchia os bolsos do Chicão.

